

# Introdução

## Novas abordagens em Linguística Contrastiva.

### Da teoria à aplicação

A Linguística Contrastiva recebe este nome na década de 1940, embora a sua gênese possa ser associada aos estudos comparatistas do século XIX. Estes anos são de vital importância porque foi aí que a Linguística Contrastiva (LC) ganhou aceitação como método de análise empírica útil para o ensino de línguas, ligado primigenamente a teorias linguísticas estruturalistas. Esta primeira formulação focava-se nomeadamente na elaboração de descrições detalhadas de um aspeto gramatical específico em duas línguas distintas, com base em obras gramaticais de referência, a fim de as comparar e deduzir as conclusões adequadas.

Os trabalhos de Fries (1945), *Teaching and learning English as a foreign language*, e de Lado (1957), *Linguistics across cultures*, são considerados os pilares fundacionais da Linguística Contrastiva, também conhecida, inicialmente, como Análise Contrastiva (AC) devido à sua filiação didática. Esta primeira conceção teórica defendia como elementos capitais da sua análise: a predição de erros resultantes do contraste linguístico, o estudo da transferência linguística e a supressão das interferências linguísticas.

Esta primária conceção (hipótese forte) foi progressivamente abandonada devido à sua falta de fiabilidade científica e foi substituída por outras hipóteses (injustamente chamadas “fracas” devido a uma tradução inadequada) que evitam o apriorismo científico quanto ao erro e estudam a transferência linguística sem juízos linguísticos preestabelecidos sobre a transferência positiva e negativa.

Em virtude desta reformulação exegética da Linguística Contrastiva podemos falar de duas conceções gerais: A Linguística Contrastiva Teórica, ligada aos pressupostos da Linguística Comparativa na medida em que procura indagar sobre a realização de uma determinada categoria universal numa ou varias línguas, e a Linguística Contrastiva Aplicada, que partilha com a teórica a procura da realização de determinadas categorias universais em diferentes línguas, mas acrescenta ainda a necessidade de identificação de áreas de dificuldade interlinguística para serem aplicadas a diferentes disciplinas linguísticas como o Ensino de Línguas Estrangeiras, a Tradução ou diversas disciplinas linguísticas como a Análise do Discurso, a Linguística de Corpus, a Pragmática,

a Pragmalinguística, a Semântica, a Sintaxe, a Sociolinguística, a Morfologia e a Fonética e Fonologia.

Nos últimos anos do século passado e nos primeiros anos do século presente, temos assistido a um renascimento dos estudos de Linguística Contrastiva, alargando e extravasando os seus campos de estudos e aplicação habituais: o Ensino de Línguas Estrangeiras, principalmente a nível fonético/fonológico e morfossintático, e a Tradução para outras áreas afins, como podemos comprovar no presente volume.

Sem menoscar nem descurar os estudos teóricos em Linguística Contrastiva, as novas vias hermenêuticas nesta disciplina caminham para uma vocação aplicada que lhe permita ser uma ferramenta auxiliar essencial para melhorar a aprendizagem de Segundas Línguas e a formação científica para a Tradução a través de abordagens diversas com base em outras disciplinas linguísticas.

Os trabalhos reunidos no presente volume 11 (série II) da revista RUA-L constituem uma notável amostra diversificada da atividade investigativa das novas abordagens em Linguística Contrastiva com auxílio a outras subdisciplinas, podendo encontrar textos que empregam como línguas de trabalho: Espanhol/Português, Português/Francês, Português/Inglês-Espanhol, Espanhol/Inglês, Chinês/Português e Alemão/Português.

Os artigos aqui apresentados, embora de natureza diversa, partilham uma sólida reflexão teórica e uma abordagem interlinguística aplicada, desde diferentes matérias linguísticas tais como a Morfologia e a Morfossintaxe, a Disponibilidade Léxica, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Semântica e a Fonética e Fonologia.

O primeiro artigo, da autoria de Joan Sapiña, aborda o emprego do futuro de conjuntivo nas orações condicionais introduzidas por ‘se’ em Português Europeu o as dificuldades que produz em aprendentes de ELE da variedade europeia, analisando as diferenças e semelhanças entre ambas as línguas.

O seguinte trabalho de Mirta Fernández Dos Santos tem igualmente como objeto de trabalho aprendentes universitários portugueses de ELE e pretende analisar a perceção da incidência e da gestão da primeira vaga da pandemia no léxico disponível no universo de estudantes mencionado de acordo com os lemas ‘COVID-19 e Espanha’ e ‘COVID-19 e Portugal’.

Ainda na área temática do “Covid 19”, de indubitável atualidade, Si Chen realiza um estudo sobre os *frames* de Risco e de Ação em textos jornalísticos em português e chinês retirados do acervo *on-line* das maiores agências noticiosas de Portugal e da China, a agência Lusa e a agência *Xinhua*, partindo de dois *corpora* elaborados pela estudiosa e com recurso ao *software AntConc*.

O artigo de Fernando Martinho, fundamentado em *corpora* do Português e do Francês europeus, realiza uma análise contrastiva de um conjunto de vocábulos destas línguas, incluídos por defeito na classe dos nomes, mas interpretados, em contextos específicos, como adjetivos.

Com incidência no nível morfológico e sustentado no *Corpus* Oral de Português L2 – Coimbra (COraLCo), o trabalho de Tânia Ferreira propõe um estudo sobre os desvios de atribuição de género e de concordância nominal nas produções dos aprendentes de Português como Língua Não Materna nativos de inglês e espanhol.

Os artigos de Gloria Toledo, Francisco Quilodrán e Edson Pizarro e de María Luisa Aznar estudam diferentes aspetos relacionados com a interlíngua de aprendentes de ELE. No primeiro caso, é analisado o emprego dos marcadores discursivos por aprendentes anglófonos. No segundo estudo, conforme um estudo de caso, são avaliadas as perceções e crenças de um grupo de universitários portugueses de ELE sobre a pronúncia.

Por fim, o trabalho de Katrin Herget e Teresa Alegre foca-se na análise do discurso científico em artigos científicos da área da medicina, tendo por objetivo a comparação do recurso a atenuadores discursivos (*hedges*) em alemão e em português.

Julgamos que o seguinte volume apresenta um conjunto de trabalhos diversos e multifacetados unidos pelo fio condutor da aplicabilidade que caracteriza os últimos estudos em Linguística Contrastiva. Esperamos que este número consiga dar visibilidade às novas investigações realizadas em Linguística Contrastiva e possa contribuir para consolidação e crescimento destas novas linhas exegéticas.

*Francisco José Fidalgo Enríquez*

